

A Literatura dos Anos Oitenta

A POESIA DE PAULO LEMINSKI: CAPRICHOS, IRREVERÊNCIA E PAIXÃO

Denise Azevedo Duarte Guimarães
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A poesia de Paulo Leminski é regida pela disciplina intelectual e pelo capricho. Seus versos, "in-utensílios", são exercícios precisos e exatos no interior da linguagem.

Fiel ao compromisso com a renovação da literatura, o poeta incorpora criticamente os recursos das vanguardas. Seu dizer irreverente opera na própria infraestrutura signíca.

Com muita paixão, exercendo a poesia enquanto o princípio do prazer no uso da linguagem, traduz poeticamente a contemporaneidade.

Uma poesia para o olho, o coração e a inteligência. Repleta de arte e manha.

Artimanhas leminskianas.

prazer
da pura percepção
os sentidos
sejam a crítica
da razão.

Este é um poema de Paulo LEMINSKI, uma cintilação poética altamente condensada, um exercício preciso e exato no interior da linguagem. Eis seu legado ao nosso "fin-de-siècle": seus "in-utensílios" poéticos, partículas atomizadas da mais pura poesia.

"In-utensílio", termo cunhado por LEMINSKI para definir a poesia como ele a concebia:

"A poesia é o princípio do prazer no uso da linguagem".

"O lucro da poesia, quando é verdadeira, é o surgimento de novos objetos no mundo. (...) Uma capacidade in-útil. Além da utilidade".

“Obras de arte são rebeldias. A rebeldia é um bem absoluto. Sua manifestação na linguagem chamamos poesia, inestimável inutilidade”.

Estas são frases que LEMINSKI gostava de repetir e cuja idéia central aparece no poema:

RAZÃO DE SER

Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
e as estrelas lá no céu
lembram letras no papel,
quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?

Seu dizer estranho e agressivo/transgressivo alia um lirismo delicado à precisão das imagens: a ternura no fio da lâmina samurai. Seus textos efetuam o cruzamento/parceria impossível entre a beleza e a novidade.

Confira-se num poema, já “clássico”, a viagem do poeta na linguagem:

pariso
novayorquizo
moscoviteio
sem sair do bar

só não levanto e vou embora
porque tem países
que eu nem chego a madagascar.

“Hoje vejo que estamos no ponto de cruzamento entre as duas estéticas: beleza, novidade, aqui vamos nós”, dizia ele em 1983.

A categoria do “novo”, para ele, “tem todo o jeito de pertencer ao mundo urbano, industrial”, enquanto o “belo” é rural e artesanal. Nesse sentido, sua poesia procurou o caminho da recuperação do artesanato, incorporando por dentro, intrinsecamente, os recursos das vanguardas. Poesia provinciana e cósmica, de contrastes, regida pelo princípio do prazer e pelo rigor da engenharia.

tudo dito
 nada feito
 fito e deito

Sua palavra poética é fundante, seu lucro é o signo de-sautomatizado, singular, além da utilidade. Nessa poesia enxuta, certa, plena, a palavra atinge vigência máxima e substantiva.

Fiel ao ideal ideogrâmico da concisão e da síntese — influência da cosmovisão oriental que ele cultivou com dedicação — o poeta manteve-se sintonizado com a poesia da década de 80. Na busca de uma linguagem poética nova, concisa e de “alta definição”, além de incorporar criticamente os recursos da poesia experimental, sua poesia demonstra a impregnação do “grafitti” e do humor da imprensa alternativa. Explora também, ludicamente, as técnicas da publicidade. Sempre com rigoroso capricho, como em:

se
 nem
 for
 terra

se
 trans
 for
 mar

Observe-se o redondo rolar do raciocínio exato no momento exíguo. Tipicamente leminskiano, pois:

um pouco de mao
 em todo poema que ensina

quanto menor
 mais do tamanho da china

Em sua loucura lógica, cada poema seu revela uma girada de pensamento que tem uma direção, gera tensão e almeja a transcendência. Por mais coloquial que pareça, sua linguagem quer sempre ir além. Quer “apenas o mínimo em matéria de máximo”, como no poema:

O MÍNIMO DO MÁXIMO

tempo lento,
espaço rápido,
quanto mais penso
menos capto.
Se não pego isso
que me passa no íntimo,
importa muito?
Rapto o ritmo.
Espaçotempo ávido,
lento espaçodentro,
quando me aproximo,
simplesmente me desfaço,
apenas o mínimo
em matéria de máximo.

Observe-se a dinâmica peculiar dos signos verbais, questionando estruturalmente uma organização discursiva extremamente saturada. A grande densidade da textura fônica do poema confirma a dinâmica dos demais níveis do sistema semiótico. A expressão/verso "rapto o ritmo" aliada às construções vocabulares por justaposição "espaçotempo" e "espaçodentro" vem assegurar uma energia excepcional ao conjunto.

Sua dicção poética cheia de "saques, piques, toques e baques", trocadilhesca e regida pelo impulso lúdico, caracteriza uma poesia "cerebral", sempre em busca do sentido que está além dos significados.

Vale conferir no poema:

a árvore é um poema
não está ali
para que valha a pena

está lá
ao vento porque trema

ao sol porque crema
à lua porque diadema
está apenas.

O efeito de singularização, conseguido com os vocábulos "trema", "crema" e "diadema" explorados polissemicamente, a partir de uma construção pseudo-verbal estranha ao léxico do idioma, revela um procedimento, típico da estilística leminskiana. Para ele, poetar foi sempre um ato problemático,

algo a ser desautomatizado, a ser pensado, a ser inventado desde a base”.

Dotado de uma disciplina intelectual invejável, semiotista, no sentido amplo do termo, porque conhecedor dos mecanismos das funções signícas, LEMINSKI soube usar, com rara felicidade, seus conhecimentos teóricos na elaboração de seu projeto estético. O “bandido que sabia Latim”, o “Kami-quase” que sabia equilibrar-se no limite entre Ocidente e Oriente, direcionou seu projeto, que foi sobretudo poético, para a transformação em palavras da “loucura suprema que é viver”.

Ele soube:

Desler, tresler, contraler,
enlear-se nos ritmos da matéria,
no fora, ver o dentro, e, no dentro, o fora.

Seu olhar multissensível, sinestésico, lançado nas mais variadas direções, produziu da prosa densamente poética e subversora (às vezes delirante, como no *Catatau*) aos ensaios/anseios “crípticos” instigantes e reveladores de rara erudição e senso histórico.

Para a teoria literária, o personagem polifônico nunca é idêntico a si mesmo; multifacetado, múltiplo por excelência, é sempre uma surpresa. LEMINSKI, personagem polifônico, no sentido amplo do termo, porque polilingue e com olhar semiótico capaz de captar as mais diversas linguagens do mundo e retrabalhá-las poeticamente, foi, entretanto, um ser uno. Impressionantemente coerente e lúcido, capaz de repetir certas idéias à exaustão, de trabalhar em certos projetos durante anos. Sempre movido por uma rara consciência de linguagem:

Vim pelo caminho difícil,
a linha que nunca termina,
a linha bate na pedra,
a palavra quebra uma esquina,
mínima linha vazia,
a linha, uma vida inteira,
palavra, palavra minha.

Foi um artista de vanguarda, não no sentido de estar à frente, mas como ele entendia o termo: “vanguarda é a contemporaneidade absoluta”. “A posição que eu escolhi é a de uma espécie de oposição na linguagem, permanente”, dizia ele.

Sua poesia, segundo ele próprio, não continha, no geral, cenas de “vanguarda explícita”.

Na busca da linguagem que falasse ao mundo contemporâneo, mas que, ao mesmo tempo, fosse capaz de questionar os próprios mecanismos da representação, LEMINSKI, poeta “inventor”, soube conciliar a incorporação intrínseca dos recursos das vanguardas com o exercício da liberdade.

LEMINSKI imprimiu sua marca personalíssima a tudo que escreveu. Uma marca sobretudo dinâmica, uma dicção própria, um certo modo especial de dizer que vai do lirismo reflexivo à ironia e ao cinismo.

“Às vezes, o negócio é agredir, às vezes, agradar”, dizia o poeta. Suas raras concessões ao gosto popular, são, na verdade, poemas/letras para serem cantados. No mais das vezes, sua linguagem é deliciosamente jovem e maliciosamente erudita. São poemas para o olho, a inteligência e o coração, que o relaxo e a distração são, neles, meras figuras de retórica. Fazem parte do show de técnica e fúria, de paixão e precisão de um poeta que se recusava a viver num mundo sem sentido: “O sentido não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação”. “Só buscar o sentido faz, realmente, sentido. “Tirando isso, não tem sentido”, diz ele na abertura de seu livro de ensaios **Anseios Críticos**.

Um poeta de vanguarda? Sim por sua absoluta contemporaneidade, por sua poesia de alta definição, construída com recursos inovadores. Nela, as elipses e suspensões, os estranhamentos e os desvios da maneira usual de “poetar” ou mesmo de dizer, caracterizam o compromisso com a renovação da literatura.

LEMINSKI pretendeu mexer com os fundamentos materiais da comunicação poética, agindo na própria infraestrutura signica, no campo da ruptura/“infratura”, consciente de que todo poema de invenção é um objeto interdito. Um verdadeiro poeta “inventor”.

Toda invenção é uma crítica. A postura crítico-inventiva, altamente metalinguística, é típica de arte do século XX que parte de um desejo de transformar a linguagem, gerador de formas novas. LEMINSKI faz, em suas obras, crítica do mundo pela linguagem, mas, sobretudo, faz crítica da linguagem.

Decifrou produtivamente o mundo em que vivemos, este pós-moderno e apocalíptico momento em que, segundo ele, o “agora é a cor da moda”.

“O que não for novo, hoje, nem sequer existe. Em contrapartida, o novo, é, hoje, óbvio. A vanguarda é o classicis-

mo do século. Estamos condenados a inovar, a inventar”, constatou ele.

Sua arte procurou resolver a tensão entre o novo e o óbvio, sem deixar que a subversão fosse incluída no programa.

Nunca romper apenas por romper, pois isso do rompimento do código como programa é discutível; mas sim a ruptura que vem de um “impulso autêntico e sincero” de dentro do artista, acreditava ele.

A consciência da linguagem e da sua estrutura de “Poder”, emblematizada no culto da normalidade (“cinturão de segurança dos acadêmicos”), levou-o sempre a pisar com cuidado no terreno minado do código, e ele acreditava que: “Só a obra aberta (desautomatizada, inovadora) engajando ativamente a consciência do leitor no processo de descoberta/criação de sentido e significado, abrindo-se para sua inteligência, recebendo-a como parceira e colaboradora, é verdadeiramente democrática”. Mas, toda inovação pela arte, segundo ele “a única chance que o homem tem de vivenciar a experiência de um mundo de liberdade, além da necessidade”, corre o risco de não ser entendida. Ele sabia disso:

A história só avança através dos textos que ninguém entende. A ilegibilidade é que é fundante. No ilegível, necessário num determinado momento, o signo se torna mais complexo e a cultura progride.

Ele sabia que a liberdade de expressão é uma ilusão, mas no interior da escravidão do código, mesmo um pequeno centímetro de liberdade “vai adquirir uma cintilância extraordinária. Sabia que já não sobra lugar para a liberdade, “a não ser nos pequenos gestos kamikazes, nas insignificâncias invisíveis, nas inovações formais realmente radicais e negadoras”.

Comprometido com a evolução do texto literário, LEMINSKI sempre se empenhou em mexer com as formas, porque entendia a poesia como o território da liberdade, da beleza pura. Sua prática poética o confirma.

É na poesia de vanguarda que o artista tem a possibilidade de devolver a agressão da linguagem que cerceia sua liberdade criadora. Ao mexer com as formas, ao inventar, pode romper a clausura do signo verbal. Pode pegar a palavra e partí-la, fragmentá-la, domá-la. Pela insubmissão às formas, ao código, pode impor sua marca, fazer cada poema à sua imagem e semelhança. Cada poema de LEMINSKI tem “personalidade”, pega o leitor pelo pé, mostra a língua aos “caretas”. Já em 1964, na revista *Invenção*, dos concretistas, LEMINSKI publica um poema que é a sua cara:

líng
uá kuá
ze shin
e
za
essa Líng(uá) Ming
ua
xing
a

Como o poeta, este poema é uma sempre-surpresa. Agressivamente fragmentado, ao tematizar o fascínio pelas possibilidades expressivas do idioma, fica no limite entre Ocidente e Oriente. Suas sonoridades expressivamente exploradas criam um campo semântico de dinastias orientais. Seu perfil gráfico iconiza a agressão gestual, o “xingar” semantiza-se no código visual, o “dizer” atualiza-se graficamente na imagem de “mostrar a língua”. Pela dinâmica peculiar dos signos verbais espacializados na página, como o poeta na sua sábia irreverência, o poema “mostra a língua” (aos caretas?).

Mas, é imprescindível a paixão. Não se mexe com as formas, com a linguagem, sem paixão. Nisto, LEMINSKI foi insuperável. Manteve uma relação sensual com as palavras.

“O poeta é aquele que deglute a palavra como objeto sexual mesmo, como um objeto erótico”, dizia ele.

Nesse sentido, em muitos momentos, ao revelar seu fascínio pelas possibilidades expressivas do idioma, o poeta exprime a volúpia da organização de formas novas. Seu texto — lugar do prazer — revela o prazer do texto, o gozo. Devido à consciência erótica do fazer poético o objeto do desejo do poeta associa-se ao prazer sexual. Colocando-se no espaço da vanguarda, o espaço da transgressão, o poeta vai operar no interdito. Por isso, erotiza intensamente o ato de escrever. Sua escritura, em muitos momentos, emblematiza os mo(vi)mentos do prazer carnal.

Nesse sentido é exemplar seu poema:

escura a rua
escuro
meu duro desejo
duro
feito dura
essa duna
donde
o poema

uma
 esp
 uma
 doendo
 ex
 pl
 ode

A exploração dos vocábulos no campo semântico do desejo masculino, corporificado na primeira parte do poema, o poeta alia os recursos da fragmentação, na segunda parte. Esta explosão dos elementos do código verbal identifica-se ao sentido da explosão erótica. Tensão, tesão. Imagem, ícone, presentificação do êxtase. Está tudo aí. No branco da página, a carga energética do orgasmo.

Porque foi capaz de ler a contemporaneidade enquanto manifestação do sensível e de traduzí-la poeticamente, LEMINSKI operou naquele espaço-tempo semiótico entre a pressa e a preguiça, entre o capricho e o relaxo, entre a distração e a suprema atenção do arqueiro oriental. Suas setas/signos, retas, como que lançadas ao acaso (e quanta disciplina por trás de cada ato exato seu...) sempre atingem o alvo. Perícia, malícia, ginga, arte e manha. Artimanhas leminskianas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 LEMINSKI, Paulo. Anseios crípticos. Curitiba: CRIAR, 1986.
- 2 ———. Caprichos e Relaxos. S. Paulo: Brasiliense, 1983.
- 3 ———. Distraídos Venceremos. S. Paulo: Brasiliense, 1987.
- 4 Paulo Leminski. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.
- 5 "Leminski: entrevista a Denise Guimarães". Nicolau. n.º 19, Ano III, Curitiba, SEC, Jan. 1989.